

A DEVOÇÃO A SANTA RAIMUNDA DO BOM SUCESSO NA DIÁSPORA ACREANA

Ênio José da Costa Brito*

*Professor do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências da Religião da PUC/SP.

Era um navio grande, eu me lembro como se fosse hoje eu, a mamãe, o papai e os meus três irmãos no convés, dando adeus ao meu Ceará. O navio deu três apitos e foi saindo do porto bem devagar... pensei comigo mesma, nunca mais vou ver meus parentes, minha gente, meus amigos, minha terra.

(Antonia Rocha de Almeida, seringueira).

Quem pensar que viver na mata, é viver como sendo absoluto dono de tudo, está muito enganado, tem que saber viver e viver em harmonia.

(João Prudêncio da Costa, seringueiro)

Caminhei até a beira do Rio Acre, sentei no barranco e pedi à Santa Raimunda que me ajudasse, porque não aguentava mais, ver minha família passando fome.

(João Ribeiro da Silva, seringueiro).

Investigar a trajetória devocional de seringueiros do vale do rio Acre, faceta que a produção acadêmica tornou praticamente invisível e inaudível foi o **desafio acolhido** por Francisco Pinheiro de Assis na sua tese de doutorado,

¹Tese defendida no Programa de Pós Graduação em História Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, no dia 15 de fevereiro de 2013. A base foi composta pelos professores Dr^a Olga Brites (orientadora); Dr Airton Chaves da Rocha; Dr^a Esfania Knotz Canguçu Fraga; Dr Ênio José da Costa Brito e Dr. Marcos Antônio da Silva. Logo, a tese estará disponível on line pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

intitulada *Veneração e fé: viver entre lutas, resistências e milagres na floresta Amazônica 1970-2010*.¹

Milhares de seringueiros ressignificaram suas devoções populares, trazidas do nordeste, encontrando nelas sentido para suas vidas na floresta e mais tarde na periferia da cidade de Rio Branco. Experiência que leva o autor a formular a seguinte hipótese de pesquisa: *os devotos encontram sentido e razão para viver por meio da fé e da proteção de Santa Raimunda* (Resumo).

Nesta breve Nota Bibliográfica, depois de indicar alguns tópicos significativos do trabalho, percorrer-se-á os capítulos, apontando para o conteúdo do mesmo, tecendo sugestões e observações quando necessário e apresentando alguns tópicos para uma reflexão.

Realces

Ao longo da pesquisa, Assis percebeu que a compreensão da experiência vivida no vale do Rio Acre e regiões fronteiriças, num primeiro momento e depois na periferia da cidade de Rio Branco, pelos seringueiros (as) passava por uma corajosa opção hermenêutica. Opção que implicava num deslocamento: dar ao religioso e ao simbólico o mesmo peso explicativo que o político, o econômico, o psicológico e o social. Isto é, dar ao religioso um estatuto epistemológico.

Assis atribuiu, também, valor aos processos de constituição de um *catolicismo sertanejo*, que nas suas práticas populares ajudou e ajuda homens e mulheres a superarem as dificuldades do dia-a-dia. A aproximação da memória religiosa dos seringueiros se deu pela opção do aspecto biográfico da memória, caminho árduo, pois supõe uma relação entre o pesquisador e o objeto investigado pela historiografia.

O interesse do autor não estava focado no *juízo das práticas e das posturas religiosas a partir de um referencial previamente elaborado, que se alça à condição de critério normativo, mas [na] visualização da pluralidade das relações com o sagrado, seus códigos de sentido, suas redes de significado e suas constantes reelaborações, nos espaços cotidianos e vivenciais dos sujeitos da experiência religiosa*.²

² L. E. WIRTH, A memória religiosa como fonte de investigação historiográfica. Em: *Estudos de Religião*, ano 17, n° 25, 2005, p.171-183[179].

Ao analisar a devoção, a *trajetória devocional* de seringueiros do Vale do Rio Acre, ofereceu um ângulo privilegiado para se entender a dinâmica de alteridade no interior da *comunidade* dos seringueiros. As nuances presentes no culto aos santos desvelam algo fundamental, o atendimento das necessidades vitais do povo a nível comunitário, familiar e pessoal, questão muito bem explorada pelo autor. A dimensão sobrenatural do culto permaneceu um pouco na sombra.

Com relação às identidades construídas na diáspora acreana, o autor mostrou que a relação entre as experiências identitárias cearenses e aquelas vividas no Acre mantiveram relações mais complexas que a da simples transposição. O que o levou a ver a identidade não a partir das lentes da perda ou da manutenção identitária, mas pela ótica da redefinição, das ressignificações.

Mostrou com inúmeros relatos, que o catolicismo popular vai além do que é idealizado pela doutrina oficial e pode obter certa unidade a partir da constatação da vida. *A devoção popular é entendida aqui como manifestação do povo sem a presença direta da Igreja Católica* (p.3).³ Um amplo trabalho de campo, o arco das entrevistas vai do ex-jagunço Leôncio Terreira de Carvalho ao Bispo Dom Moacir Grechi (p. 88) passando principalmente por seringueiros (as), o que confere credibilidade às análises feitas. Realiza um resgate da figura das mulheres indígenas e nordestinas.

Estamos diante de uma tese interdisciplinar, que dialoga com a antropologia, literatura e ciências da religião; tese corajosa, especialmente pelo amplo diálogo entre história e religiosidade-caminho pouco trilhado por historiadores (as) e tese generosa, sugere vários tópicos para futuras pesquisas, como a transnacionalidade da devoção a Santa Raimunda do Bom Sucesso; a ressignificação do culto da Virgem de Copacabana, com a devoção popular a Santa Raimunda e crescimento das guardiãs da devoção a Santa Raimunda do Bom Sucesso.

Com relação ao migrante cearense, alguns aspectos ainda permanecem na sombra: são todos brancos? Senão, tem-se um ponto a ser explorado: o encontro do negro cearense com o negro amazônico, presença até pouco tempo atrás negada.⁴

³ Na citação faremos referência apenas ao número da página da tese.

⁴ Ver, o livro organizado pela historiadora Patrícia Melo SAMPAIO, da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), intitulado *O fim do silêncio. Presença negra na Amazônia*. Belém: Editora AÇAI/CNPq, 2011.

Veneração e fé contribuirão significativamente para a história regional, no entanto sente-se a falta de uma explicitação maior dos nexos com o que está ocorrendo no país, relação que contribui para percepção mais matizada do próprio regional. O Acre não é só Acre, o período estudado apresenta outras dimensões suprarregionais.

A clareza com relação ao Projeto de pesquisa ajudou muito na realização do trabalho. Clareza que se faz presente no objetivo, bem definido: *investigar a trajetória devocional de homens e mulheres que habitaram e continuam habitando a zona rural e urbana do Vale do rio Acre e de Regiões fronteiriças do Brasil com o Peru e a Bolívia* (p.1).

Dos capítulos

No capítulo primeiro, *Os desafios da vida cotidiana seringueiros no interior das matas* (p.18-63), depois de localizar o espaço e os sujeitos sociais, resgata através das práticas culturais, identitárias e de gênero o cotidiano dos seringueiros nordestinos, que habitavam as florestas.

Nas palavras do autor três foram os pontos abordados: *no primeiro ponto, retratei o sonho dos nordestinos em adquirir fortuna, extraindo látex nos seringais acreanos e como os seringueiros constituíram suas famílias. No segundo ponto, mostrei a contribuição de mulheres indígenas e cearenses nos seringais acreanos, sendo extratoras, esposas, pescadoras, mães e companheiras e responsáveis pela preservação e propagação da religiosidade. No terceiro e último ponto, aponte o processo de hibridação do nordestino nos seringais acreanos destacando alguns pontos com a presença da religiosidade* (p. 63).

Assis emprega o termo *nordestino*, categoria usada pelo IBGE, categoria complexa pela abrangência e pelo resquício ideológico que traz no seu bojo. Para uma melhor compreensão pode precisá-lo um pouco mais.

Duas relações indicadas pelo autor mereceriam uma maior explicitação pela importância, a primeira na *Introdução*, a relação entre memória, passagem do tempo e história (p. 5), a segunda a relação entre construção de identidade e práticas religiosas ressignificadas (p. 53).

Uma afirmação feita na página 58 me oferece o mote para comentar as relações acima anunciadas. *Para o seringueiro fazer uma promessa é um ato de fé revestido, banhado em experiências que foram e são compartilhadas, vivenciadas e adquiridas, ao longo dos anos vividos nos seringais.*

Em *Seringueiros entre resistências, permanências e deslocamentos* (pp. 64-99), relembra toda a luta para permanecer na terra e a gradual dispersão para a periferia das cidades, em especial Rio Branco, mas também para Bolívia e Peru, entre 1970 e 1990. Tempo dramático para os seringueiros e suas famílias, tempo de muito sofrimento e medo, tempo de reconstrução, de *viver o já vivido*; tempo no qual os seringueiros são trocados pelo gado e pelo capim (p. 74), semeado com o uso de aviões (p. 76).

Tempo em que os seringueiros são transformados em invasores, posseiros e indesejáveis nas terras em que nasceram e cresceram, mas também, tempo revelador da efetividade dos seringueiros (p. 80).

As inúmeras famílias migrantes expulsas dos seringais constituíram a periferia de muitas cidades, constituição reveladora de sutis estratégias e negociações com o poder público. Muitas famílias encontraram nas Comunidades Eclesiais de Base, que naquele momento eram uma força política religiosa expressiva no Estado, o apoio para se inserirem na sociedade.⁵

Sente-se a falta de uma boa informação sobre os Ciclos da Borracha, as informações estão espalhadas o que dificulta uma visão de conjunto da temática nas suas diversas fases.

Uma citação de Edouard Glissant oferece uma chave de leitura para o capítulo, diz ele: *O que acontece com esse migrante? Ele recompõe através de rastros/resíduos uma língua e manifestações artísticas, que poderíamos dizer válidas para todos. Por exemplo, uma comunidade étnica do continente americano preservou a memória dos cantos entoados nos funerais, casamentos, batismos, que expressam a dor, a alegria, vindos do antigo país de origem, e que são cantados há cem anos ou mais, em diversas ocasiões da vida familiar* (p. 97).

A luta dos seringueiros para permanecer na terra revela a extraordinária capacidade deles ressignificarem suas

⁵ Temática explicitada na tese de doutorado em História Social de Airton Chaves da Rocha, *A Reinvenção e representação do Seringueiro na cidade de Rio Branco*. Acre (1971 – 1996), 2006. O autor prioriza o fazer-se urbano deles, historicizando como muitas famílias de seringueiros fizeram-se moradores urbanos.

vidas, nesse permanente processo eles encontram na fé, força para perseverar. Aproximar-se desta experiência vivida que se materializa nas suas devoções e práticas as mais diversas, é o desafio enfrentado pelo autor no terceiro capítulo, intitulado, *A cosmologia do seringueiro* (pp. 100-149).

No capítulo, o autor trouxe informações importantes para a compreensão do imaginário religioso dos seringueiros (as), explicitou as transformações culturais ocorridas desde a vinda do sertão até a integração na floresta e deixou transparecer a *intensificação cultural* na expressão de Marshall Sahlins.

Acolheu um desafio complexo e acertou em cheio na escolha dos interlocutores, pioneiros nos estudos do mundo amazônico: Eduardo Galvão e Heraldo Raymundo Maués. Escolha que pode ser ampliada nos futuros estudos. Ambos participaram do complexo processo de constituição do largo campo de estudos sobre a religião popular na Amazônia. Galvão com sua tese sobre pajelança abriu pistas para futuros pesquisadores. Para Figueiredo, a preocupação fundamental de Galvão, *foi essencialmente de esclarecer o que de novo a sua investigação traria a este campo de estudo*.⁶

Apresento em seguida uma sugestão e duas pontuações que explicitam a riqueza presente nos dados apresentados no capítulo. A sugestão é para ampliar as referências teóricas. A leitura do texto de José Carvalho, um imigrante cearense, nome ainda pouco conhecido dos estudiosos, que no segundo quartel do século XX, escreveu um texto que despertou polémica na época. Mas, que trouxe registros folclóricos de primeira ordem. *O matuto cearense e o caboclo do Pará*, publicado em 1930.⁷ Outra sugestão na linha da genealogia dos estudos da cosmovisão amazonense, o trabalho clássico de Oneyda Alvarenga, intitulado *Babassuê*, publicado em 1950 - estuda as manifestações religiosas do caboclo e do negro amazonense.⁸

Quanto aos reais, o primeiro colhe uma passagem do texto da página 123, onde num depoimento aparece uma referência a *São Sebastião amarrado em um mandacaru*. Vale lembrar que no oratório do cearense Joaquim Mulato de Souza, que foi decurião da Ordem dos peni-

⁶ A. M. de FIGUEIREDO. *A cidade dos Encantados: Pajelança, feitiçarias e religiões afro-brasileiras na Amazônia 1870-1950*. Belém: EDUFBA, 2009, p. 31.

⁷ J. CARVALHO. *O matuto cearense e o caboclo do Pará*. Belém: Oficinas Gráficas do Instituto Lauro Sodré, 1930.

⁸ O. ALVARENGA. *Babassuê: registros de folclore musical brasileiro*. São Paulo: Biblioteca Pública Municipal, 1950.

tentes da Cruz, por longo tempo até falecer atropelado há dois ou três anos atrás - morador de Barbalha no Ceará encontrou-se uma estátua semelhante. Num de seus inúmeros depoimentos, falando de São Sebastião disse: *São Sebastião é da Turquia... Ele batalhava a favor da religião católica, de Cristo, tanto que prenderam ele e amarraram ele num pé de mandacaru, num pau e os índios lá fecharam ele.*

Vejam bem, São Sebastião é da Turquia, diz ele, mas sua morte e sua imagem são ressignificadas no universo cultural do Sertanejo. Temos, então, um São Sebastião, *representado conforme crenças, lutas, culturas, naturezas nordestinas... imagem incorporada conforme heranças e experiências historicamente vivenciadas.*⁹

A imagem de São Sebastião, amarrado num pé de mandacaru e flechado por índios nos remete de volta o desafio assumido pelo autor, de perceber a dinâmica interna da cultura e religiosidade popular, o que é realizado pelo autor no capítulo terceiro. Para Assis, *compreender a religiosidade do seringueiro, na floresta e seu imaginário popular guardado e ressignificado durante várias décadas, no trânsito entre o sertão nordestino e os seringais acreanos, a percepção de sua visão cosmológica é de fundamental importância* (p.100).

O segundo realce relaciona-se com os Santos da Floresta. Ao comentar o depoimento de José Ferreira de Almeida, onde ele afirma: *a nossa fé e a nossa devoção foi mais do que suficiente para santificá-los sem a ajuda de ninguém de fora, nem Igreja, nem de padre, nem de bispos ou de qualquer outra pessoa.* (p.112 - 113). Para o autor: *os seringueiros ritualizam, sem o saber, uma vivência dos primeiros tempos do cristianismo. Nos primórdios da Igreja, alguém para ser elevado à condição de santo, precisava, em primeiro lugar, ter um culto público, ser reconhecido como santo pelos fiéis.* Sem culto público a Igreja não canonizava.

A partir da concentração de poder na Sé de Roma, a dinâmica mudou. Hoje, tem-se um longo processo, que envolve muitos gastos. Elabora-se, primeiramente, uma espécie de *Inscrição, apresentando a bibliografia do candidato* (a), que é enviada para Roma, se aprovada recebe

⁹ M. A. ANTONACCI. Artimanhas da História. In: *Projeto História*. São Paulo, 2001, p. 189-222 [206].

o *Nihil Obstat* (nada impede). Tem início então o processo de beatificação, constituiu-se um tribunal eclesiástico, composto pela Arquidiocese e emissários do Vaticano para verificar se o candidato (a) tem as virtudes de um santo (a) (se é de fato virtuoso). Em seguida, uma segunda bibliografia mais detalhada, fundamentada em depoimentos e fatos históricos é enviada a Roma. Se aprovada, fica-se a espera de um milagre-intervenção divina em uma cura sem explicação científica. Se ocorre, as provas do milagre são levadas até Roma, para avaliação final. Comprovado o milagre, beatifica-se a candidato. Um segundo milagre abre as portas do altar para o candidato. Processo complexo e caro.

Escolhi duas passagens do capítulo, pois elas desvelam um pouco da atmosfera presente no mesmo. Na página 107, lemos: *O rico imaginário desses homens se constituiu por um processo dinâmico de hibridação, marcado pelo encontro do catolicismo popular com suas devoções junto à rica cosmologia dos habitantes da terra. A esta afirmação pode-se aproximar uma outra mais sintética, o seringueiro não deixou de ser católico mas enriqueceu seu catolicismo com os mistérios da floresta* (p.108).

A segunda passagem extraída do depoimento de José Ferreira de Almeida refere-se à fé dos seringueiros que *faz os santos*. Diz ele: *fomos nós mesmos, os próprios seringueiros com essa nossa fé e a devoção que conseguimos santificar as Santas Almas em Santos e Santas* (p 102).

Assis, ao longo da pesquisa, visitou inúmeros bairros da cidade de Rio Branco e ficou intrigado com o grande número de devotos de Santa Raimunda do Bom Sucesso. Os depoimentos coletados com frequência mencionam graças e milagres obtidos pela intercessão a Santa Raimunda do Bom Sucesso.

Quem foi Raimunda? *Uma mulher simples, como tantas outras Raimundas e Marias que habitaram o interior da floresta, eram possuidoras de muita coragem e, sobretudo, tinham fé* (p.130).

No quarto capítulo, *Práticas populares dignificam a vida dos devotos de Santa Raimunda do Bom Sucesso* (p.150 - 190), o autor examina de perto a devoção a Santa Raimunda do Bom Sucesso. Devoção presente nas práti-

cas e no culto transnacional (p.176) prestado a ela pelos fiéis do Brasil, Bolívia e Peru.

O capítulo confirma temas levantados anteriormente como: a fé que dá sentido à vida dos seringueiros; a relação devocional marcada pela confiança e proximidade com os santos e a transnacionalidade da devoção.

A festa em homenagem a Santa acontece no dia 15 de agosto, quando centenas de peregrinos se dirigem ao seu túmulo para homenageá-la, os devotos fazem um longo percurso para chegar até lá. *Uma devota de Santa Raimunda, há mais de vinte anos, a senhora Maria José Feitosa diz que sua devoção teve início, logo, depois de casada, quando fez uma promessa para um filho recém-nascido. Acredita que milagres de Santa Raimunda, motivam a adesão de milhares de devotos, que visitam a sepultura no decorrer do ano inteiro (p.146).*

Os depoimentos deixam claro que o culto e a devoção a Santa Raimunda do Bom Sucesso chegou na cidade de Rio Branco, na década de 1970 e 1980, com os seringueiros que deixaram os seringais e migraram para a cidade.

A devoção só tem crescido nos bairros de Rio Branco. *Entre as mulheres mais idosas do bairro, a devoção a Santa Raimunda é muito intensa. Entre outras razões, pode-se dizer que elas se consideram guardiãs da devoção, no bairro de Taquari (p.165).*

O autor ao examinar a devoção a Santa Raimunda pode privilegiar mais a dimensão sobrenatural presente na mesma, as pessoas tem necessidades materiais, mas não só materiais, também tem necessidade do sagrado.

Conclusão

De origem nordestina, Santa Raimunda é retratada como uma mulher indígena da nação ashaninka, *pés descalços, pisando sobre a terra, segurando uma criança no colo e com seu olhar cativante, nas margens de um igarapé (p.137 - 138).* A representação relembra aos pesquisadores da religiosidade popular que um dos pressupostos básicos para entendê-la é levar em conta as singularidades das tramas culturais. Assim, ao ter em conta as matrizes culturais abre-se a possibilidade de se explicitar

as tramas de sentido que se manifestam nas múltiplas práticas sócio-religiosas.

Canonizada pela fé povo, Santa Raimunda é invocada com esta bela oração pelos seus inúmeros devotos e devotas.

Oração da Santa Raimunda do Bom Sucesso
Raimunda, eu venho de longe,
pedir-lhe em oração, paz e alegria,
para mim e para todos os meus irmãos.
Raimunda, Raimunda, Raimunda,
Raimunda Maria da Conceição,
volte os teus olhos e atende o teu povo em oração.
Na beleza da tua face, na paz
de o teu lindo olhar.
Tu pisas no céu entre flores,
és Irmã da estrela, a brilhar
e cada um que chega, Raimunda
na capela a orar e traz uma rosa aos teus pés
quer uma graça alcançar.
De mãos erguidas Raimunda
viemos te agradecer
as graças de todos os dias,
poder visitar-te e te ver.
Agradeço Raimunda
As graças já recebidas.
Segura em minhas mãos
hoje, sempre e por toda vida (148).¹⁰

¹⁰ Oração transcrita pela devota Maria Raimunda de Souza, no dia 12 de fevereiro de 2011, a pedido do autor.

Os devotos sabem de cor esta oração e a transmitem oralmente para familiares e amigos.